



# As Ideias e os Livros



(A' margem de «Os Planos da Autocracia Judaica»)

Do peor que no estrangeiro se produz, consumimos nós o rebutalho. Nos artigos de luxo, como nas instantes necessidades do espirito; na maquinaria industrial como nas fantochadas de teatro... O que nós fazemos aos pretos, fornecendo-lhes infamissimos riscados incardidos de grudes e tesos da calandra, é o mesmo que nos faz a traficância internacional das coisas e das ideias. Julgamos — a imbecilidade estulta do comercio e da cultura, sua aliada — um pedaço de Marrocos, mal separada do continente negro pela brecha de Gibraltar e inteiramente separado da Europa pela formidável barreira pirenaica. Desconhecidos ou ignóbilmente apreciados pelos estranhos, nem migalha de indignação sentimos por não andarmos continuamente nas bôças do mundo. Bem basta o que basta. E se ha lamentáveis esquecimentos ou duvidosas ignorancias — bem que pese aos jornalistas e literatelhos de profissão, sempre de beicola estendida para as botas que facilmente lá fóra se deixam babujar — não somos nós decerto, os esquecidos, nem os ignorantes. Nós conhecemo-los; eles ignoram-nos, ou fingem que se não lembram de nós. Irrisório seria para lhes atrair a atenção admirativa, falar-lhes hoje do ciclo glorioso das descobertas ou do imperio grandioso mas efemero da Asia: grande teria de ser o universal respeito pelos povos que ainda trilham a vida no Egipto dos Faraós, pelos derradeiros descendentes dos Incas e Araucanios, pelas gentes que se espolinham de ventre ao só, entre lixos milenários de calça e de tijolo, sobre as ruinas de Babilonia... Acorrentada como um sabujo, desde as vespuras da revolução, a cultura francesa, a nossa chilha cultura, incapacitada de produzir pelo circulo de ferro da livre concorrência, não procurou o bom, nem o util, nem o são: deslumbrou-se com a novidade, com a audacia; amarrou-se de pés e mãos ás mais destrambelhadas escôlas, aos preceitos mais escandalosos. Porque é forçoso e justo notar-se: nenhuma das inovações literarias ou politicas, de ha um seculo a esta parte, conseguiram impôr-se pela belesa, pelo equilibrio, pela saúde moral que nelas existisse. Sobre o cachaço gordo de uma sociedade aburguesada, cavalgavam um espantalho nú, obsceno, miseravel. O publico predisposto já por um relaxamento moral, tapava os olhos com a mão aberta, e, por

entre os dedos, o olho guloso apreciava e gosava consoladamente o escandalo.

Mas, antes de sermos atascados no lódo de uma literatura porca e de uma politica de cafres, a imundicie veio de fóra, escorrendo e sujando. Toda a artificialidade romantica, todas as frascárias modalidades do realismo foram tradusidas, adaptadas, absorvidas.

E hoje ainda, apesar dos pesares e da grande maré de nojo pelo mais ascoroso, estúpido e safado de todos os séculos, é ainda para nós o rebutalho da cultura estrangeira. Tradusem-se novelas cinematograficas, romances espanhols sem verdade nem vida, teorias politicas, scientificas e sociaes que caducaram ou caíram de maduras, crestadas pelo tempo e pela guerra; gira-se o cubismo e o «jazz-band» e há logo uma curiosidade palerma de vêr e de apreciar as ridicularias macacoïdes dos charlatães da arte falsamente modernista. Tudo quanto é mau, encontra imediatamente um traductor, um editor, um ensaiador, um capitalista que «desinteressadamente» protege o progresso, um arrojado empresario que se não poupa a sacrificios, um grande jornal que lança, e propaga, e repisa, e faz triunfar a nova peça, a recente novela, a prometedora industria, a moda mais livre e o costume mais dissolvente. O cronista descreve, burila, insinúa com arte e infamia modernissima; o «magazine» reproduz attitudes, retoca as escandalosas arestas da novidade, contra uma vida que não existe á parva boçalidade que da vida só conhece a ficção, a epiderme, o luxo falso e pelintra.

E o jornalista insiste «Lá fóra faz-se assim» «Em Paris usa-se assado». «Um grande sucesso, tal livro». E o publico chega a convencer-se, a tomar o exotismo por civilização; e da loucura aberrativa de um trampcineiro, um argentario e um jornalista sem vergonha, nasce a confusa mascara da de cinismo, de rapinancia e de infamia que é, sem tirar nem pôr, o falso modernismo dos que, esquecidas e despresadas já as sinagogas literarias e scientificas, querem furar a generalizada anarquia do pensamento com os fôgos-fátuos da ignorancia alfinetada de audacias, ou com o malabarismo das frases-facadas, arrancadas do bestunto abismal á força de pé-de-cabra, ou com os luzineús de um talento pirilampado em crónicas, fúnebres e inuteis como os pingos de uma tocha. O bom, o

útil, o são; os belos livros de economia, as substanciosas novelas, os ricos compendios das novas directrizes da cultura e da flôr do pensamento, não se traduzem, nem se adaptam, nem se vulgarizam. Ha por aí muita ignorancia que desconhece a lingua francesa? Pois que fiquem ignorantes toda a vida, porque ninguem se dá ao trabalho de traduzir os melhores livros franceses, os magníficos estudos italianos, o que de bom tem aparecido na Germania e na Espanha.

Mereceria um longo artigo de azedos comentarios esta preguiçosa apatia do intellectualismo lusitano. O bom nacionalista contenta-se em lêr e em ruminar a lógica admiravel de Maurras, e em concordar á sua moda com as novas concepções economicas de Valois. Sabemos que existem os dois gigantes do nacionalismo e do sindicalismo francez por avulsas citações, sem mais sentido que um terceto de Dante destacado do respectivo poema. Quem quizer que compre os originaes editados em França, a que a ganancia, o ágio e as alcavalas alfandegarias permitem adquirir no mercado a trinta ou cinquenta mil reis. E quem não souber francez que tenha paciencia: é um luxo já hoje tão vulgarizado que qualquer guarda-vassouras dos jornaes traduz novelas «á lá minute» do «franciu» «avec» mestria...

Esfalfámo-nos em tempos a gritar, a reclamar, a exigir: Quem traduz? Quem traduz? E a nossa voz esbarrava contra um comodismo enervante e irremovível. Anos passaram sobre anos em que as nossas ideias fundamentaes pareciam condenadas a uma repetição perpetua, a um eterno remoer de ária estafada de velho realejo teimoso. Sem uma variante, sem um desvio de finalidade, sem um novo motivo doutrinario, sem um mais colorido matiz de verdade — teriamos talvez cansado a meio caminho da jornada se á nossa inteligencia repugnasse a permanente mastigação do mólho verde da nossa esperança...

Nunca duvidámos de que esse grande vasio da nossa propaganda, limitada até agora á prata da casa e ás ideias proprias, viesse finalmente a ser preenchido por quem possuísse o direito e fizesse bom uso da competencia. E, porque assim acaba de suceder, eis

*Que é feito, Portugal, do teu Passado,  
Do tempo das inclitas caravelas?  
De certo já não tens as glorias belas  
Que possuiste, outrora, em potentado?!*

*Como as estrelas que parecem velas  
No imenso Infinito, rendilhado,  
Se escondem quando o Rei do dia é nado;  
— Num sonho, tambem assim se foram Elas*

*Agora vives, minha Patria amada,  
Da tua nobre Tradição sagrada,  
Que sempre servirá ás gerações*

*D'exemplo digno, — que bendita herança!  
Como se fôsse terra de Camões,  
O — Arco — Iris — da Fé e da Esperança!...*

RUY GALVÃO DE CARVALHO.

(Do livro inédito «Vislumbres de Resgates».)

porque nos alegamos e porque é grande o nosso jubilo ao constarmos com desvanecimento a utilidade do nosso apostolado e o fructo excelente da nossa prégacao. A leitura de «Os planos da Autocracia Judaica», tão oportuna quanto sensatamente traduzidos e comentados pelos Srs. Drs. J. Viana de Lemos Peixoto e F. Pereira de Sequeira, sugerindo-me as considerações acima, fornecendo ocasião para mais reconhecidamente, e em nome dos que procuram disciplinar a razão, agradecer este inesperado e valioso auxilio ao nacionalismo portuguez. Não será num simples artigo de um crónista dos tempos e das ideias, que uma tão util publicação poderá em boa verdade e com justiça ser apreciada. Está ela hoje ao alcance, pela vulgarização do nosso mercado de livros, não só de todos os leitores, como de todas as inteligencias. Afeioaram-no os traductores a um geito facil de rápida compreensão; comentaram-no com sinceridade mas sem rancôr; e se pôde acusar-se nele uma certa ingenuidade na clarissima exposição dos «protocolos», seja-nos licito acrescentar que nem por isso a autenticidade geral deixa de ser comprovada pela tragica sucessão dos factos na vida agitada das modernas democracias que o semitismo domina. Um grande fundo de velhacaria, incontestavelmente judaica, releva a infantilidade aparente. Não queremos provocar,

nem as revelações deste magnífico livro a isso se destinam, uma sarna anti-semitica a uma obsecção sionista que nos fariam perder um tempo precioso, a nós que revolvemos a maçonaria de dentro para fóra e que chegamos enfim ao reconhecimento de que nem a instituição valia dois caracois nem a sua gente era coisa de meter mêdo... Mas é bom ter sempre presente os ensinamentos do passado e guardar algumas precauções sobre o futuro, se não queremos ser inteiramente contaminados da lepra judaica de que já furiosamente se coçam alguns martirisados povos do oriente. E, se de facto é já de Israel o predomínio internacional da finança, se a agiotagem da judenga se está ignóbilmente vingando da nossa secular repulsa pela sua raça e pelos seus danados costumes de traficância e de usura — que cada portuguez guarde um pouco do velho ódio á descendência argentaria dos filhos dispersos de Judá. Porque no mesmo dia em que os sordidos judeus tentarem sair do «Ghetto» da rapinancia hipocrita, onde ainda os toleramos, e pretenderem jungir-nos ao seu triunfo declarado — uma grande fogueira arderá na Terra e purificará os ceus, os ceus onde nunca mais — nunca mais! — brilhará sobre um trono de ouro o septro quebrado do Jeovah fari-saico...

CESAR A. D'OLIVEIRA.

PROPAGANDAS POLITICAS

Escreve o nosso prezado collega *O Dia*:

«Recebemos uma comunicação, que vimos hoje publicada no *«Correio da Manhã»*, órgão officioso da Causa Monarquica, na qual a *«Acção Realista Portuguesa»* desenhola o seu programma anti-constitucional e anti-liberal, annunciando a proxima realisação d'uma assembleia que será como que *um schema das Côrtes gerais* (sic) e promete a proxima publicação d'um diário em que sustentará as suas doutrinas.

Temos dado todas as provas — e ainda no numero d'hontem ellas foram exuberantes — do nosso desejo de que se estreite a unidade monarchica. Mas abstendemo-nos, por a julgarmos prematura e inopportuna, de qualquer discussão doutrinaria sobre o futuro systema politico emquanto a republica estiver viva, não podemos levar tão longe a condescendencia que n'estas mesmas columnas se faça uma propaganda a que decerto se nos não abriam as do futuro órgão da *«Acção Realista»*.

Eis porque não podemos inserir esse *programma* de monarchicos aos quais não temos recusado e continuaremos dando inequívocos testemunhos da nossa consideração pessoal e politica.

A publicação no *«Correio da Manhã»*, do documento a que se refere o *«Dia»* assim como a de outras proclamações e comunicados de propaganda que temos recebido da *«Acção Realista Portuguesa»* não significa de maneira alguma que este jornal perfilhe as doutrinas d'aquella aggremação monarchica. O reparo do nosso illustre colega obriga-nos a esta declaração.

O *«Correio da Manhã»* tem a subida honra de ser órgão, na imprensa, de Sua Magestade El-Rei, e o Senhor D. Manuel II tem reiteradamente definido, em publico e nas suas instrucções officiaes, qual é a posição que occupa como Chefe dos monarchicos portuguezes.

A Causa que Sua Magestade symbolisa acolhe em seu ambito todas as modalidades do doutrinarismo monarchico; — mas El-Rei, é um Soberano constitucional, ligado a esse systema politico, que a Nação, de direito nunca repudiou, por um solemne juramento a que Sua Magestade não quer nem poderia faltar. O Senhor D. Manuel II só se consideraria auctorizado a abraçar outra fórma de governo monarchico, quando a Nação, em devidos termos e pela sua representação legitima, a tivesse de direito adoptado.

Taes normas, pelas quaes Sua Magestade El Rei sempre se norteia, estabelecem necessariamente a situação do *«Correio da Manhã»* na imprensa monarchica.

Parece o *«Dia»* notar que sendo assim, as columnas do *«Correio da Manhã»* se abram a proclamações de combate e asserções depreciativas contra aquelles mesmos principios que Sua Magestade El-Rei jurou e representou.

Sem discutir o fundamento da estranheza revelada pelo nosso querido collega, dir-lhe-hemos que os escrupulos pessoas de quem dirige o *«Correio da Manhã»*, escrupulos derivados de factos politicos tam notorios, tem levado este jornal a interpretar o mais latitudinariamente possível os preceitos da hospitalidade para com os documentos da proveniencia e indole d'aquelle que hontem inserimos. Se isto não constitui

Azas Gloriosas

O "PATRIA."

Na travessia da India da lenda e do sonho a que anda ligada a nossa Historia de incomparavel grandeza, sossobrou o *«Patria»*, o avião pilotado por Pais e Beires. Como que tocado de misteriosa signa, as azas de Portugal foram tocar no mesmo solo em que Vasco da Gama sofreu a humilhação do Rei de Calcut.

Vibra de entusiasmo a Alma da Patria. E a travessia ha-de realisar-se para maior honra e gloria da Raça Lusiana.

uma justificação sufficiente, é pelo menos uma explicação, e esperamos que como tal nos seja recebida.

Assim se expressava o chamada *orgão official da Causa Monarquica* *«Correio da Manhã»*, no seu n.º 1.063, relativo a 23 do preterito Abril.

Como por ele se vê, a *soi-disant* Causa Monarquica (?) continúa defendendo os principios liberaes que nos conduziriam á républica e ao estado comatoso em que nos encontramos presentemente, em detrimento dos principios anti-liberaes que proclama e defende a geração nova, livre das maculas do passado. Mas, ainda não contentes, vieram proclamar, no acima transcrito, que o *«Correio da Manhã»* tem a subida honra de ser *orgão, na imprensa, de Sua Magestade El-Rei* e que *«El-Rei é um Soberano constitucional, ligado a esse sistema politico...»*, o que para nós já não constitue novidade.

Nada temos com a *Ação Realista*. E se aqui transcrevemos os dizeres do *«Correio da Manhã»*, é apenas para resaltar toda a razão dos integralistas desligando se de obediencia a um Rei constitucional, e portanto, inimigo dos principios anti-liberaes que defendemos. Tem-se declarado que o Snr. D. Manoel está acima e fora das contingencias da Causa, porque ele é o representante e a incarnação do principio monarchico. E' Lhe vedado manifestar sequer sympathias por determinados grupos monarchicos com exclusão de outros. E é depois de tudo isto que o *«Correio da Manhã»*, órgão liberalista, vem declarar que tem a subida honra de ser *orgão, na imprensa, de Sua Magestade El Rei*, e, assim, todos os comunicados e outras proclamações anti-liberaes publicadas no *«Correio da Manhã»*, não significa que esse jornal as perfilhe.

Força *Mariotte*. Carregue-lhes que ainda é preciso!

Imprensa

"PRIMEIRO DE MAIO."

Completo mais um ano de publicação este nosso prezado colega de Loulé.

As nossas sinceras felicitações.

"SERVIÇO D'EL-REI."

Recebemos o n.º 6 desta interessante publicação da *J. Monarquica Conservadora, do Porto*, com o seguinte sumario:

«Ressurreição» por Henrique de Paiva Couceiro; — «O Snr. Conselheiro Luiz de Magalhães e a Acção Realista Portuguesa» — «Paixão, Morte e Ressurreição da Ideia», por Cezar de Oliveira. — «Sursum Corda!» por Antonio Marques da Cunha. — «O Perigo Social», por Antonio Carvalho Cirne. — «Acção Realista Portuguesa». — «O Campeonato da vergonha nacional» (conclusão), por Francisco Pereira de Sequeira. — «O Comandante», por Joaquim de Vasconcelos. — «Actualidades» (Os judeus na politica mundial), por Butmi & Nihlus. «Livros», pelo Conde de Aurora.

"OS MEUS CADERNOS."

Depois de uma forçada interrupção, saiu o n.º 8 deste vigoroso panfleto de *«Mariotte»*, com o seguinte sumario:

I — Aos leitores — II Estado monarchico liberal e nação monarchica. III — Um acto impolitico. — IV Os moços esperança da Patria.

Todos os pedidos devem ser dirigidos ao editor: José Luiz de Miranda — Rua Poiais de S. Bento, 135 — Lisboa.

Vendem-se nesta cidade na Casa Nun'Alvares.

S. Torcato

Realisa-se no proximo domingo a denominada romaria pequena de S. Torcato.

Secção de Sport

Foot-Ball

Vitoria S. Club-4 — União Barcelense-3

A's 14.30 horas alinham os dois grupos debaixo da arbitragem de Cunha

Tem a bola de saída o União que numa bela descida fura as rédes vimaranenses.

Estes não desanimam e Perreira Mendes aproveitando uma passagem de Artur marca um goal.

Os de preto e branco no primeiro tempo, conseguem mais um por intermedio de Aires, e os unionistas outro, terminando a 1.ª parte com o resultado de 2-2.

Na 2.ª parte toma conta da arbitragem o sr. Macedo.

Os do Vitoria marcam mais dois goals um por Campos e outro por Adriano e o União um.

O encontro termina com o resultado de 4-3 tendo o Vitoria jogado desfalcado em tres dos seus melhores elementos.

A arbitragem da primeira parte foi muito irregular e a da segunda um pouco melhor.

A. D.

Arcebispo Primaz

O nosso director recebeu de S. Ex.ª Rev.ª o Snr. D. Manuel Vieira de Matos, o seguinte cartão:

«Manuel Arcebispo Primaz, com os seus cumprimentos de b. f. agradece muito reconhecido a imerecida homenagem do *«Gil Vicente»*, por ocasião da visita ao arciprestado».

Agradecendo a S. Ex.ª Rev.ª, reiteramos os nossos cumprimentos.

S. Ex.ª Rev.ª o Snr. Arcebispo Primaz deve regressar a esta cidade no proximo sabado afim de continuar a visitar as restantes freguesias do Arciprestado.

No proximo domingo no templo da Oliveira, ministrará a Sagrada Comunhão aos escoteiros catholicos do nucleo desta cidade.

"Scouts," Catholicos

Como noticiamos no nosso ultimo numero, é no proximo domingo 18, que se realisa a promessa solene dos escoteiros catholicos do nucleo desta cidade, com o concurso do corpo de escoteiros catholicos da cidade de Braga.

Muito se deve ao esforço da Comissão Organizadora e, nomeadamente, ao snr. Eugenio Vaz Vieira que tem sido incansavel na organização desta bela festa.

O programa, que abaixo publicamos, é atraente.

Os bilhetes encontram-se á venda na Casa Nun'Alvares e na Chapelaria Macêdo.

A's 16,30 no Campo *«José Minotes»* grandioso festival seguido da Promessa Solene dos *«Scouts de Guimarães»* com o seguinte programa

1.ª Parte — I Entrada no Campo; Marcha pela Banda do 5.º Grupo de *«Scouts»*. II Saudação á Bandeira Nacional, III Ensarilhar varas. IV Exercícios ginásticos pelos *«Scouts de Guimarães»*. V Corridas de estafetas. VI Corridas de fardos pelos *«Lobitos»*. VII Luta de tração. VIII Sinalagem. 2.ª Parte — I Jogos dos Lobitos de Braga (alcateia D. Fernando) a) A passagem do vau; b) Raid de Scorbrough; c) Concurso de nós. II Jogos dos *«Scouts»* do Nucleo de Braga. III Exercícios ginásticos com varas IV Ivoluções varias; marchas em espiral circulo e em estrela. V Corrida dos trez pés. VI Primeiros socorros a feridos. VII Sinalagem (sinais noturnos).

3.ª Parte — I Disposição para a Promessa Solene. II Alocução alusiva ao acto pelo Inspector Mor Geral do Corpo Dr. Avelino Gonçalves III Promessa dos Lobitos. IV Promessa dos *«Scouts»*. V Saudação á Bandeira Nacional Desfile em Continencia. VI Arriar da Bandeira. Saudação final.

Durante a festa tocará no Campo a Banda do 5.º Grupo de *«Scouts»*.

O nosso liceu

Com as novas propostas de compressão prepara-se, como medida economica de grande alcance para salvação das finanças arruinadas em lutas e sucessivas bodas, a extinção das cadeiras de 6.º e 7.º ano do nosso Liceu.

Alerta, vimaranenses! Não consintamos que tal feito se realise.

E' necessario não deixar sossobrar a obra que o saúdoso Conego José Maria levou a cabo!

Defendamos sempre os interesses da nossa cidade.

ORFEÃO

Na proxima segunda-feira, 19 do corrente, reúne a assembleia geral de orfeonistas, no salão da Associação Artistica, pelas 9 1/2 horas da noite, afim de se tratar do passeio a realizar a Barcelos. Pede-se a comparencia de todos os socios executantes.

Acaba de aparecer:

O Selscentismo em Portugal

por Manuel Murias, notabilissimo ensaio historico.

Vende-se nesta cidade na *«Casa Nun'Alvares»*.

Lusitania

PAPELARIA—TIPOGRAFIA

Rua Gravador Molarinho 47

Quer V. Ex.ª praticar em contabilidade e correspondencia comercial, portuguesa, franceza ou inglesa? Faça uma experiencia, que lhe custa o dinheiro de um postal: peça folheto explicativo dos Cursos de Educação Comercial da Revista *«A Publicidade Moderna»*, 3, Travessa do Alecrim LISBOA.



Ex.ª Sr.